

A GRANDE ANOMALIA

Um grande precipício estende-se à minha frente. Encontro-me sentado à beira dele, com as pernas suspensas; balanço-as suavemente, sentindo o vento que vem de encontro a elas. No chão onde estou, uma fina camada de grama recobre o solo, e pequenos brotos de árvores começam a nascer. Algumas flores amarelas e vermelhas espalham-se ao meu redor, liberando um doce aroma que, ao ser inalado, acalma-me.

O céu apresenta nuvens esparsas que permitem que os raios de sol toquem minha pele, gerando pequenas explosões de calor que irradiam por todo o corpo. Ao mesmo tempo, o vento, que começa a ficar mais frio com a chegada iminente do inverno, cria um contraste agradável com o calor emitido pelo sol.

Olho para o fundo do precipício e noto as grandes árvores que cresceram na cratera. Um extenso rio, que muitos acreditaram que desapareceria, formou uma ampla lagoa central, rodeada por árvores cujas folhas variam em tons de verde, amarelo e vermelho.

Os pássaros cantam logo abaixo do local onde estou. É possível ouvir seus sons, o que gera alegria e conforto em meu coração, pois, há alguns anos, muitos diziam que essa vida jamais retornaria após o grande acontecimento.

Fecho os olhos e respiro profundamente. Sinto o ar preencher meus pulmões enquanto inclino vagarosamente a cabeça para cima; então, lentamente, expiro e abro os olhos, presenciando aquilo que hoje chamamos de “o devorador do mundo”, uma estrutura esférica acinzentada que, em certos momentos, emite lampejos semelhantes a relâmpagos.

Essa formação encontra-se exatamente no centro do precipício, a muitos quilômetros de distância do solo. As nuvens a rodeiam sem tocá-la, e a luz do sol, por algum motivo, ao aproximar-se dela, cria um halo ao seu redor, formando um círculo que permanece claro mesmo durante a noite, como se a energia tivesse parado no tempo. Afasto-me da beirada do precipício e fico de pé. Bato as mãos na roupa branca de linho para retirar a grama e as impurezas.

Em meu manto, há runas douradas localizadas nas mangas, que emitem um brilho tênue, são elas as responsáveis por anular o efeito da anomalia presente a vários quilômetros acima.

Pego meu cajado e apoio-me nele com a mão direita. Com a esquerda, coço a barba curta e grisalha e, em seguida, coloco a mão acima dos olhos para enxergar melhor a anomalia.

Nesse momento, grandes rajadas emanam de dentro dela. A luz solar aprisionada pela estrutura cria um contraste impressionante com as cores avermelhadas que as explosões irradiam.

Observando atentamente, consigo ver inúmeras runas, há quilômetros de distância, rodeando-a e conectando-se umas às outras por finas linhas de luz prateada.

Essas inscrições, após muitos estudos, foram a única solução que nós, Eonianos, encontramos para conter esse artefato. Elas reduzem o poder de atração do “devorador de mundos”, impedem a entrada de seres vivos e também tentam evitar sua aproximação do solo de nosso mundo, o que seria fatal e nos aniquilaria em pouco tempo.

O grande problema, motivo que me trouxe até aqui hoje, é constatar que, mesmo utilizando runas tão complexas, criadas por mim, o devorador de mundos continua se aproximando lentamente do solo.

A prova disso está em pequenos detalhes, como as gotas d’água que se desprendem do rio no fundo do precipício e seguem em direção a ele, mas, ao colidirem com a barreira das runas, caem novamente, gerando, bem abaixo da anomalia, uma chuva constante. É um sinal de que não temos muito tempo, de que, mesmo as mais poderosas runas já criadas, não conseguirão conter esse artefato e que nosso tempo neste mundo está chegando ao fim.

Volto a olhar para a estrutura; dessa vez, meus olhos enchem-se de lágrimas que escorrem pelo rosto, pois, ao fitar atentamente o centro dela, ainda consigo sentir sua presença, Elida. Sua suave, porém, poderosa aura ainda emana do coração do destruidor de mundos.

Sinto também a essência de seu irmão, Nefários, uma energia tão sombria e perversa que, mesmo à distância e com as runas nos afastando, causa-me arrepios.

De algum modo, no fundo do meu ser, sei que as rajadas emanadas pelo destruidor dos mundos são provocadas pelo confronto entre as auras de vocês dois. Tenho certeza de que seus corpos físicos há muito se foram, pois, quando tudo começou, presenciei a desintegração de ambos e, com muito esforço, forjei runas que suspenderam, a quilômetros do solo, a grande esfera formada por vocês, impedindo que o mundo fosse destruído naquele instante.

Esse detalhe, a presença de ambos ainda no interior do grande artefato, guardo apenas para mim, assim como muitos outros segredos que jamais revelei a ninguém, exceto a você, minha querida filha.

Ouçó, ao longe, o relinchar de cavalos. Viro-me na direção do solo e avisto dois cavaleiros, um deles é Samar, a grande vidente de nossa era e o outro, Samael, o fiel escudeiro da vidente e um clarividente promissor que ela adotou há pouco tempo.

Ambos lutam contra a força emanada pelo imenso artefato. Os cabelos de Samar são puxados para cima, enquanto ela luta para manter o cavalo na minha direção. Samael encontra-se na mesma situação, visivelmente fatigado e com dificuldade para respirar, como se o ar estivesse sendo sugado de seu peito.

Ao ver isso, estendo a mão em direção a eles e mentalizo runas semelhantes às de meu manto. Quando elas surgem suspensas no ar, lanço-as contra os dois. Assim que se fixam em suas vestes, o efeito do artefato cessa completamente. Ambos demonstram alívio e retomam o caminho até mim com tranquilidade.

Volto a olhar para o devorador de mundos e seco o rosto. Localizo novamente a essência de Elida diluída nele e sinto um forte aperto no peito, mas contenho-me e volto minha atenção aos companheiros que se aproximam.

Enquanto aguardo a chegada deles, ajoelho-me, coloco o cajado à minha frente, uno as palmas das mãos e as aproximo da boca. Começo a recitar um antigo cântico rúnico que aprendi há muitos anos.

Com o decorrer da recitação, sinto o ar agitar-se ao meu redor; um leve tremor de terra ocorre bem onde estou ajoelhado, e uma intensa onda de calor emana de meu corpo, espalhando-se pelo ambiente.

Ao abrir os olhos, vejo, a alguns metros de distância, uma pequena cabana formada pela junção de várias árvores que antes não existiam ali. Bancos foram criados com as raízes, e, no centro desse pequeno acampamento, uma esfera de fogo flutuante permanece inerte, transmitindo calor e iluminando tudo ao redor.

Caminho até o acampamento e sento-me em um dos bancos enquanto observo a aproximação de meus companheiros.